

O SAGRADO E O PROFANO

**

HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1987

O SAGRADO E O PROFANO NO SERMONARIO BARROCO DE ABRAHAM A SANCTA CLARA

Notas de leitura do livro sobre a vida e a perdição
de Judas Escariote: *Judas. Der Erz=Schelm (1686)*

Propomos com estas breves notas de leitura do sermão de Abraham a Sancta Clara uma aproximação ao barroco literário alemão. Nele estão fixados a retórica barroca em estilo precioso e vulgar, a metafórica, o jogo da antítese, a alegoria e toda a emblemática, aspectos da poesia culta e popular, do romance «picaro», a visão do mundo dividida entre o Céu e o Inferno, entre homens bons e maus. Foi de resto na polaridade de fuga do mundo e afirmação do mundo, esperança no Além e justificação do mundo, determinismo e autonomia que o espírito barroco se cristalizou.

A intenção dos sermões de Abraham a Sancta Clara é claramente moralizante, querendo contribuir para a denúncia do vício, da vida desregrada, com o objectivo) de levar o homem a pensar mais no Céu do que na Terra 0). As feridas *

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(!) O grande pregador do barroco português, Padre António Vieira, resume de forma lapidar a intenção edificante dos seus sermões: «Prèguemos, & armémonos todos contra os peccados, contra as soberbas, contra os odios, contra as ambiçoens, contra as envejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o Ceo, que ainda tem na terra que se poem de sua parce. Sayba o Inferno, que ainda ha na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deos».

(Padre António Vieira, ^ «Sernam da Sexagesima. Prègado na Capella Real» (1655), in *Sermoens* do P. Antonio Vieira. Primeyra Parte, em Lisboa, na Officina de loam da Costa, M.DC.LXXIX, p. 86).

Não pretendemos apresentar um estudo comparativo dos sermões de Padre António Vieira e de Abraham a S. Clara, mas optámos por transcrever nas notas exemplos escolhidos dos seus sermões

da Guerra devastadora dos 30 Anos so lentamente começam a sarar, mas outras guerras, desta vez conduzidas pelos turcos e que têm o seu clímax no segundo cerco a Viena em 1683, ameaçam subverter a Cristandade. Abraham a Sancta Clara viveu estes acontecimentos e conhecia as profundas contradições do seu tempo. A disputa religiosa e teológica do século XVI, que opusera católicos e luteranos (e outras seitas reformistas, de que haverá a destacar os calvinistas), passaram a um plano secundário: o interesse principal dos sermões barrocos é, como se referiu, moralizar os costumes.

O século XVII é o século da cultura aristocrática, mas é também o século em que o catolicismo através da Contra-Reforma lançou os fundamentos da sua glória terrena com a marca do teatral, do «Theatrum Mundi». Os sermões de Abraham a Sancta Clara são sermões teatralizados que têm no púlpito o seu palco e como principal actor o orador inspirado, loquaz, por vezes inflamado, que se deixa arrastar pela torrente de palavras. Como é sabido, a compreensão do mundo como um grande palco em que o homem é mero actor, veio a tornar-se um dos tópicos mais constantes do pensamento barroco (2). A principal intenção dos sermões é a de 'disciplinar' os actores neste mundo, visando tanto os grandes como os pequenos, e por isso não pode estranhar-se que nas numerosas citações bíblicas ou profanas, nas alusões ou referências históricas ou geográficas, se detectem erros ou graves deturpações.

como complemento e ilustração deste estudo sobre o sermão barroco alemão. Padre António Vieira pode certamente considerar-se um contemporâneo de Abraham a Santa Clara, pelo que em ambos se cristalizou o estilo epocal do barroco. O padre jesuíta e o monge agostinho, apesar das diferenças biográficamente determináveis (e de que destaco a experiência brasileira do padre português) estão imbuídos de um mesmo fervor religioso e moralizador dos costumes e ambos se serviram do sermão como forma superior de comunicar. As citações dos sermões de Padre António Vieira exemplificarão, sem a necessidade de um comentário, as diferenças entre uma linguagem mais racionalizada do pregador português e uma retórica mais temperamental e exuberante de Abraham a Sancta Clara — uma diferença estilística que porventura distingue o barroco literário português do alemão.

(2) Cf. Wilfried Barner, *Barockrhetorik*, Tübingen, Max Niemeyer, 1970, p. 86 e ss.

Sobre a compreensão do púlpito como teatro, veja-se a ironia de Padre António Vieira:

«Já que o púlpito he teatro, & o sermão comedia, se quer, não faremos bem a figura? Não dirão as palavras com o vestido, & com o officio?»
(Padre António Vieira, ob. cit., I, p. 77).

A esta luz se devem hoje ler os sermões do monge agostinho e como referência tomamos a vida de Judas Escariôte:

«Na bem conhecida cidade de Jerusalém, que a Sabedoria divina escolheu como lugar dos mais altos designios, residia um casal de nome *Ruben* e *Ciboria*, ambos da infeliz geração de *Dan*, de cuja raça e família de víboras haverá igualmente de descender o *Anti-Cristo*. A referida *Ciboria*, quando já grávida de *Judas*, teve de noite um sonho inesperado, o qual durante o sono lhe pintou com um pincel profético que trazia no ventre um malvado tão vicioso que haveria de ser a vergonha e a aflição de todos os amigos e que com os seus crimes malditos haveria de manchar toda a casa; daqui é lícito concluir que também o obscuro sonho nocturno muitas vezes traz a verdade à luz do dia» (3).

Com esta descrição inicia Abraham a Sancta Clara a biografia (em quatro volumes) de Judas Escariôte, tomando por modelo a vida do apóstolo narrada no século XIII por Jacopo de Varagine. No frontispício do livro (4), cuja primeira parte foi publicada em Salzburgo em 1686 pelo editor Melchior Haan, se refere, afinal, o seu valor exemplar e a própria estrutura da obra. A biografia romanceada de Judas Escariôte é tomada como pretexto para o desenvolvimento de temas morais e colecção de sentenças em que o sagrado e o profano se fundem. Assim se caracteriza a linguagem do sermão de Abraham a Sancta Clara, indiscutivelmente um dos maiores pregadores católicos do barroco alemão.

Abraham a Sancta Clara, de nome leigo Johann Ulrich Megerle ou Megerlin nasceu provavelmente em 2 de Julho de 1644 na aldeia de Kreenheinstetten (Messkirch) na Suábia.

(3) Felix Bobertag, (ed.), Abraham a S. Clara, *Judas der Erz = Schelm* (Auswahl), Berlin u. Stuttgart, Verlag von W. Spemman (s.a.), p. 1. (Deutsche National-Literatur. Historisch kritische Ausgabe, vol. 40).

(4) Judas. O Supremo = Malvado / Para pessoas honradas / ou: Esboço autêntico / e descrição da vida do malvado Escariôte. Onde se encontram diversos discursos, proposições morais / poemas / e histórias / e também um grande número de conceitos bíblicos. Os quais não servem apenas a um pregador no púlpito / para pôr a verdade diante dos olhos deste mundo às avessas / enganado / e danado de hoje: mas igualmente se pode servir dele um leitor individual e solitário para passatempo e proveito / e para salvação da sua alma.

Reunido por Pr. Abraham a S. Clara, monge Agostinho descalço / Pregador da Corte /, etc. Cum Gratia, & Privilegio. S.C.M. Speciali, & Permissu Superiorum. Salzburgo, impresso e editado por Melchior Haan / impressores e livreiros. Anno M.DC.LXXXVI.

Descendente de servos da gleba passou a infância na aldeia do seu nascimento onde o pai tinha a profissão de estalajadeiro. Depois de passar pela escola latina em Messkirch, frequentou o Colégio jesuítico em Ingolstadt e em 1659 vai para Salzburgo onde conclui o curso no então célebre liceu dos Beneditinos em 1662. No mesmo ano entrou como noviço no convento agostinho dos monges descalços em Viena, tendo recebido as ordens sacerdotais em 1666. Enviado pela Ordem para o convento de 'Marien-StenT em Taxa (Augsburgo) regressa a Viena, onde a sua fama de pregador se havia espalhado de tal modo que o imperador Leopoldo I o nomeou pregador da Corte em Abril de 1677. Desempenhou um importante papel em Viena durante a peste negra (1679) e por altura do cerco à cidade pelo exército turco sob o comando de Kara Mustafa (1683): em ambas as ocasiões proferiu dois célebres sermões — «Merck's Wien» (Lembra-te, Viena) e «Auff, auff ihr Christen» (Erguei-vos, Cristãos). Foi pregador em diversas cidades da Austria, nomeadamente Graz, empreendeu duas viagens a Roma (1688 e 1692) e veio a falecer em Viena em 1709.

Muito estimado (mas também temido) na corte de Leopoldo I, o nome de Abraham a Sancta Clara perdura ainda hoje na consciência cultural vienense e de um modo geral na tradição cultural do espaço de língua alemã, para o que certamente contribuiu o retrato que Friedrich Schiller dele fixou na figura do monge capucho na I Parte da trilogia *Wallenstein* ⁽⁵⁾. É frequente ler-se que Friedrich Schiller ironizou através da fala do monge capucho a linguagem e o tom inflamado dos sermões de Abraham a Sancta Clara, uma afirmação que nos parece ser necessário rever. Apesar dos anacronismos históricos a fala do monge, que tem como tónica o apelo à consciência moral e religiosa da soldadesca e dos 'Landsknechte' ao serviço de Wallenstein, de resto já caído em desgraça nas esferas da corte vienense, é um retrato fiel do fervor religioso do monge agostinho ⁽⁶⁾, ao mesmo tempo que retrata as verdadeiras motivações das partes em conflito.

A vida de Judas Escariote, tal como a narra Abraham a Sancta Clara numa série de sermões (passados a escrito) é, como se referiu, o pretexto para desenvolver considerações

⁽⁵⁾ Friedrich Schiller, *Wallensteins Lager* (1,8), in Fr. Schiller, *Samtliche Werke* (ed. Gerhard Frick), vol. II, München, Carl Hanser Verlag, p. 292 e ss.

⁽⁶⁾ Fr. Schiller tomou como modelo da fala do monge capucho o célebre sermão de Abraham a S. Clara «Auff, auff ihr Christen».

sobre os usos e os costumes e ainda sobre os valores morais e religiosos do auditorio. A biografia do apóstolo traidor, narrada em diferentes quadros, ocupa apenas uma parte mínima do sermão e pode resumir-se em poucas palavras. Judas Escariote aparece condenado de antemão pela voz dura e impiedosa do pregador, que, de resto, reúne em volta da figura toda uma série de crimes, atrocidades e traições (7). Ainda antes de nascer, a mãe de Judas, Ciboria, tivera um sonho que vai determinar o destino do recém-nascido, ao lançá-lo às águas do mar dentro de um cesto de vimes, cumprindo-se um destino em tudo semelhante à criança que depois se chamou Moisés. Levado pelas ondas para a ilha de Iscariote (Carioth) foi recolhido pela rainha daquele lugar, que, simulando uma gravidez, o aceita como filho. No capítulo seguinte Abraham a Sancta Clara narra a educação de Judas e o nascimento de um 'irmão' que Judas, por inveja e com medo de perder os privilégios, acaba por assassinar:

«...ficara completamente lívido de inveja que, qual serpente, lhe roía o coração e o atormentava....; uma cor de enxofre subiu-lhe em abundância pelas faces e a inveja levou por fim a sua alma iníqua a assassinar com as próprias mãos o príncipe real e isso foi já um indício de que com o andar dos tempos haveria de contribuir para a morte do Filho de Deus. Oh inveja, oh inveja» (8).

O pregador interrompe a biografia para reflectir sobre o aspecto físico de Judas, homem de baixa estatura e mal formado que se individualizava pelas suas barbas ruivas, para

(7) Sobre o problema da predestinação transcreve-se a seguir a doutrina inequivocamente expressa por Padre António Vieira:

«Todos os homens quantos ha, & houve, & ha de haver no mundo, ou são predestinados, que se haõ de salvar, ou saõ precitos, que se haõ de perder. Que Christo morresse pelas almas dos predestinados, bem está, saõ almas que se haõ de salvar, & que haõ de ver, & gozar, & amar a Deus por toda a eternidade; mas morrer Christo, & dar o preço infinito do seu sangue também pelas almas dos precitos? Si. Morreo pelas almas dos predestinados, porque saõ almas que se haõ de salvar: & morreo também pelas almas dos precitos, porq ainda q senaõ haõ de salvar, saõ almas. Nos predestinados, morreo Christo pela salvação das almas: nos precitos, morreo pelas almas sem salvação....»

(Padre Antonio Vieira, «Sermam da primeira Dominga da Quaresma». Prêgado na Capella Real, no anno de 1655, in *Sermoens* do P. Antonio Vieira. Segunda Parte, Em Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, M.DC.LXXXII, p. 81).

(8) Abraham a Sancta Clara, ob. *cit.*, p. 65.

depois relatar em poucas palavras a fuga depois do crime, tendo Judas passado à Judeia e entrado ao serviço de Pilatos em Jerusalém. Numa rápida sequência da narrativa toma-se parricida, casando em seguida com a própria mãe. Mais tarde, perante a descoberta do seu verdadeiro parentesco, Judas aproxima-se de Jesus Cristo e vem a tornar-se seu discípulo e seguidor, mas mais de uma vez se manifesta o carácter traiçoeiro daquela «alma danada»: venal e cheio de ódio, acaba por trair o Mestre, enforcando-se de seguida:

«...assim sem grande demora soltou febrilmente a corda com que segurava as vestes, colocou-a em volta do seu pescoço de ladrão, subiu com estranha ajuda do diabo para a árvore mais próxima que por capricho da natureza tinha crescido em forma de forca, e ali se fez com a corda o seu próprio algóz e tanto esperneou e lançou o corpo de um lado para o outro que o mesmo se abriu ao meio, e depois a alma danada, juntamente com as vísceras fedorentas, deixou aquele corpo miserável, tendo descido aos baixos do inferno para junto do diabo»⁽⁹⁾.

A morte de Judas não significa, contudo, o termo desta colecção de sermões: episódios da vida de Judas Escariote são retomados, porque eles são o pretexto para desenvolver o tema do respectivo sermão e que, no conjunto da obra, se referem ao matrimónio, à inveja, à transitoriedade da beleza (terrena), à verdade, à mentira, aos vícios, ao lucro fácil, ao jogo e ao castigo de tantos outros vícios, desenvolvendo-se em cada sermão regras de uma vida cristã:

«Emendai-vos, se não quiserdes ser eternamente, ai eternamente, afastados d.o olhar do Senhor e serdes presos às correntes da condenação eterna, onde um uivar permanente e ranger de dentes dilata em cada momento a terrível eternidade»⁽¹⁰⁾.

A exposição de cada um dos temas do sermão* (estritamente articulados com os erros e pecados da figura tomada como exemplo de perdição*, Judas Escariote) obedece às leis da retórica barroca^(1X) da exposição da doutrina (*praecepta*)

⁽⁹⁾ *Idem, ibidem*, p. 302.

⁽¹⁰⁾ *Idem, ibidem*, p. 102.

⁽¹¹⁾ Sobre a estrutura do sermão veja-se o seguinte passo do «Sermam da Sexagesima» (que contém uma sùmula das regras da retórica) de Padre António Vieira:

«Mas como em hum prègador ha tantas calidades, & em huma prègação tantas leys, & os prègadores pòdem ser

e do desenvolvimento (*exempla*) explicativo e exemplificativo* com referência a histórias bíblicas, a hagiografias, a crônicas medievais, aos autores greco-latinos ⁽¹²⁾ ou a histórias concretas do quotidiano ou ainda a escândalos domésticos, estes últimos possivelmente do conhecimento do auditório, verdadeira reconstituição da vida e dos costumes populares do século XVII. Nestes passos se fundem o sagrado e o profano, mas sempre com valor exemplar.

A estrutura dos sermões rege-se pelo princípio da associação, em que os episódios narrados ou os comentários do pregador servem de explicitação ao tema proposto (ou de divagação), como o representa o sonho da mãe de Judas com que se inicia o livro. O orador disserta sobre a origem do sonho e talvez se possa considerar este passo como uma das primeiras «interpretações do sonho» registadas na literatura alemã. Quanto à sua origem o pregador explica que os sonhos provêm da natureza, do diabo ou de Deus. Se os diferentes humores determinam os sonhos «naturais», a que, contudo, se não deve dar crédito, por mais bizarras ou fantásticas que as visualizações do sonho possam ser, de outro tipo é o sonho que «resulta do diabo na qualidade de fundamento e de inventor de todo o mal, o qual anuncia por vezes com verdade acontecimentos futuros, mas muitas vezes são apenas simples engano encapotado e falsidade adoçada, dado que este príncipe das trevas não busca outra coisa senão enganar o in-

culpados em todas; em qual consistirá esta culpa? No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a Pessoa, a Ciência, a Materia, o Estylo, a Voz. A pessoa que he: a ciencia que tem: a materia que tratta: o estylo que segue: a voz com que falia. Todas estas circunstancias temos no Evangelho».

(Padre António Vieira, *ob. cit.*, I, pp. 26-27).

Wilfried Barner mostrou que para Abraham a S. Clara se não pode aplicar o conceito de Retórica no seu sentido disciplinar mais restrito. (Cf. W. Barner, *ob. cit.*, p. 73).

⁽¹²⁾ Sobre a importância dos autores greco-latinos no barroco alemão, veja-se Herbert Cysarz:

«O Barroco em sentido mais geral não é senão uma imitação dos clássicos que não resulta de formas de vida congeniáveis e que por isso se serve de meios exteriores para se elevar aos correspondentes valores e efeitos do belo através da transposição de motivos e de formas eruditas. Portanto um *pseudo* - Renascimento.....

(H. Cysarz, «Vom Geist des deutschen Literatur-Barocks», in Richard Alewyn (ed.), *Deutsche Barockforschung*, Köln/Berlin, Kiepenheuer und Witsch, 1968, p. 21).

cauto» (13). O pregador ilustra em seguida com episódios do quotidiano os embustes do diabo.

Todavia, nem todos os sonhos se devem por si só rejeitar, «porque o Senhor Deus muitas vezes revela no sonho grandes segredos ao homem e não raras vezes envia através dos seus anjos tais sonhos que muitas vezes são uma lição ou uma admoestação» (14). As histórias bíblicas, com especial destaque para José e seus Irmãos, contêm um manancial de exemplos sagrados para comprovar a afirmação. O Inferno e o profano, o Céu e o sagrado são os pólos em que se estruturam os sermões de Abraham a Sancta Clara.

Os sermões dirigem-se a todas as classes sociais, ao imperador e à corte, passando pelo comerciante e o artesão, ao camponês e ao mendigo. O pregador não põe em dúvida a rígida estratificação da ordem social que, como que pré-determinada, constitui um dos alicerces da estrutura mental do século XVII (15). A intenção do pregador é a denúncia dos preconceitos ou da vida desregrada e dissoluta, a admoestação perante os vícios e os defeitos morais do homem. Perante o pecado (e mais do que perante a virtude) todos os homens são iguais, o pecado vem a revelar-se como que um nivelador das classes sociais e assim o comprovam os exemplos recolhidos da história sagrada e profana. Se a vida dos pais de Judas, Ruben e Ciboria, determinaram o primeiro tema dos sermões — as virtudes do matrimónio, sermão que hoje se Jê

(13) Abraham a S. Clara, *ob. cit.*, p. 15.

(14) *Idem, ibidem*, p. 19.

(15) Sobre a estrutura hierarquizada como ordem mental do século XVII leia-se a seguinte síntese de Erich Trunz:

«Na vida intelectual alemã por volta de 1600 estava vivo em todas as camadas sociais como pensamento básico, o pensamento da ordem, com o qual se ligava o Mundo com Deus. Todos os domínios da vida mostravam uma grande ordem estabelecida por Deus: as virtudes e os pecados nas suas múltiplas gradações; os laços entre os homens que remontavam às formas originais dos «estados domésticos» — pais de família, mães de família, filhos, parentes, amigos, criados; o estado com as classes jurídicas — duques, nobreza, habitantes da cidade, camponeses — com a subdivisão em autoridade e súbditos; o complexo sistema de prioridades das ciências e das artes, tendo como base as ciências instrumentais, elevando-se na pirâmide as ciências positivas e a teologia no vértice; as classes sociais, do imperador ao príncipe até ao camponês e ao mendigo».

(Erich Trunz, «Der deutsche Spáthumanismus um 1600 ais Standeskultur», in Richard Alewyn, *ob. cit.*, p. 147).

como uma verdadeira história social e de costumes do século XVII — o tema que a seguir se desenvolve, e ligado à figura de Judas Escariote, é a *inveja*:

«Mas San: o Deus! acaso também a inveja se encontra entre os Apóstolos, entre os Discípulos do Senhor, entre aqueles que têm uma vida exemplar? em verdade, ainda hoje em dia a inveja está nos conventos, muitas vezes a inveja está tão secretamente nos mosteiros, a ponto de estar sentada à mesa com os monges, acompanhando-os muitas vezes às matinas ou à sala do capítulo.... também entre o trigo no Evangelho cresceu erva daninha, essa erva daninha é a inveja, o trigo são os monges, também entre os soldados de *Josué* se encontrava um ladrão, a inveja é esse ladrão, os soldados de Cristo são os sacerdotes; também na Arca de *Noé* houve um malvado de nome *Cham*, esse companheiro é a inveja, o mosteiro é uma Arca de *Noé*; parece desnecessário apresentar outros exemplos pois são bem conhecidos; não há estado onde a inveja não tenha existência, não há casa onde a inveja não habite, não há sociedade onde a inveja não tenha o seu domínio, não há banco onde a inveja não tenha assento» (16).

A explanação é pretexto para a enumeração de destinos trágicos, exemplos significativos, daqueles que foram vítimas da inveja: Habraym, na corte do imperador turco Solimão, o general Belisário, S. Gregorio, bispo de Agrigento, o pregador S. Bernardino de Siena. Significativamente Abraham a Sancta Clara não poupa as cortes — é nelas que a inveja prolifera e a história é pródiga em exemplos:

«...entende bem, a inveja na corte e entre os ministros e os nobres o derrubou, e assim aconteceu a Henrique conde de Holstein na corte de Eduardo III, rei de Inglaterra; assim aconteceu a Belisário o grande comandante de exércitos na corte do Imperador Justiniano; assim aconteceu a Aristides, a Cipião, a Temístocles, a Tullio, a Epaminondas, a Sócrates, a Pompeu, a Ificrates, a Cannon, a Chaberias, mas tudo isto são nomes estranhos; assim aconteceu a muitos *F emanáis, Henricis, Rudolphis, Casimitis, Philippis, Conradis, Wolfgangis*, etc. que a maldita inveja lançou na miséria. Oh inveja! Oh inveja!» (17).

(16) Abraham a S. Clara, ob. cit., pp. 96-97.

(17) *Idem, ibidem*, p. 72. Cf. uma total identidade do processo retórico em Padre António Vieira:

«Onde está O aquelles Emperadores, & Capitaes famosos, que desde o Capitolio mandava O o mundo? que se fez dos Cesares, & dos Pompees? dos Marios, & dos Syllas? dos Cipioes, & dos Emilios? os Augustos, os Claudios, os Tibe-

Na enumeração dos *exempla* quase sempre o sagrado e o profano se fundem: a propósito do amor filial o pregador recorre em primeiro lugar ao exemplo de Cristo no amor aos pais, pois «os serviu durante trinta anos na maior submissão» (18), para passar ao Velho Testamento, às histórias de santos, aos autores latinos, ou às crónicas medievais, com especial referência a episódios relacionados com os reis de Castela, Pedro o Crú ou Afonso VI. Se estas fontes são sucessivamente retomadas, muitas vezes completadas com pequenas histórias anedóticas da vida do quotidiano, o pregador procura novos elementos nas histórias do maravilhoso e do fantástico, que recordam, por exemplo os registos das *Viagens* de Mandeville (19):

«É referido como verdadeiro por muitos letrados que na *Scythia* e especialmente na ilha *Gilon* (Ceilão?) se encontram pessoas que não são de estatura especialmente grande, mas que têm orelhas tão grandes, compridas, amplas e largas que com elas podem cobrir o corpo todo e quando estão deitados, uma orelha serve-lhes de colchão e a outra utilizam-na em vez de coberta ou cobertor. Estes ouvidos são certamente estranhos, mas não é menos estranho que entre nós, nomeadamente entre cristãos, se encontrem pessoas que não têm ouvidos, daí que o Salvador tenha repetido ao povo num sermão, segundo notícia do

rios, os Vespasianos, os Titos, os Trajanos, que he delles?
Nunc omnia pulvis: tudo pó....»

(Padre António Vieira, «Sermam de Quarta Feyra de Cinza». Em Roma na Igreja de S. Antonio dos Portuguezes. Anno de 1672, *Sermoens* do P. Antonio Vieira, Primeyra Parte, p. 116).

(18) *Idem, ibidem*, p. 152.

(19) Sobre o gosto pelo exótico veja-se a reflexão de Herbert Cysarz:

«O gosto pelo particular desta época espraia-se em ideias curiosas e cogitações que se podem considerar dogmáticas e na maioria das vezes passivas face a uma compreensão mais organizada. Em toda a parte reina um vivo interesse por povos e costumes estranhos, por animais raros e plantas, por curiosidades médicas e por singularidades geográficas. O século XVII é extremamente rico em formas; o que falta à sua arte, é a unidade mórfica e natural do particular e do geral. É extremamente inventivo em associações surpreendentes e em relações dispare; ao mesmo tempo falta-lhe.... o grande aspecto natural, isto é, todo e qualquer fundamento de uma mundivisão fora do mecanismo físico, por um lado, e do dogmatismo religioso, por outro».

(Herbert Cysarz, «Vom Geist des deutschen Literatur-Barocks» in Richard Alewyn, *oh. cit.*, p. 28).

Evangelista *Marcus*, que quem tivesse ouvidos que ouvisse! Haverá então, meus Deus!! pessoas sem ouvidos? na verdade, há muitos que não têm ouvidos para a palavra de Deus e para os sermões» (20).

De resto o autor deleita-se em referir particularidades geográficas ou raridades zoológicas (em que a verdade da informação se sacrifica muitas vezes ao efeito da retórica). Nestas enumerações sobressai o bizarro, ou pelo menos, o invulgar, capaz de suscitar o elemento de surpresa entre o auditório:

«Na ilha de Malta não há serpentes, na Sardenha não há lobos, na Alemanha não há crocodilos, na JTuscia (Toscana) não há corvos, no Heles-ponto não há cães, na Islândia não cresce o veneno, mas em todo o mundo não há um lugar, onde não haja inveja» (21). * &

(20) Abraham a S. Clara, ob. cit., p. 237.

O confronto com o sermonário de Padre António Vieira mostrara que o exótico e o fantástico não deixaram traços significativos na sua imagética. Nesta particularidade está em nosso entender uma das diferenças em relação a Abraham a S. Clara, pois que para além dos autores greco-latinos, a fonte (quase) exclusiva dos «exempla» de Padre António Vieira encontram-se na Bíblia. Padre Amónio Vieira excluiu, pode dizer-se, o profano do seu sermonário; a modo de confronto apresentamos o seguinte passo do pregador português pela identidade do tema:

«Hum Cego, & muy tos cegos: hum Cego curado, & murcos cegos incuráveis: hum Cego, que nao tendo olhos, vio, & muitos cegos, que tendo olhos, não viraõ: he a sustancia resumida de todo este largo Evangelho».

(Padre António Vieira, «Sermam da Quinta Quarta Feyra da Quaresma». Anno de 1669, in *Sermoens* do P. Antonio Vieira, Prímeyra Parte, p. 609).

(21) Abraham a S. Clara, ob. cit., p. 71. Este processo retórico é frequentemente usado pelo pregador:

«Na índia os vidros são cousa rara, no Egipto a neve é cousa rara, na Noruega o vinho é cousa rara, na Mauritânia um rosto branco é cousa rara, na Alemanha os elefantes são cousa rara, na América os cães são cousa rara, na Asia os arcabuzes são cousa rara, na China os cavalos são cousa rara, nas cortes e entre os grandes do reino a verdade é cousa rara».

(Abraham a S. Clara, ob. cit., p. 126).

Também em Padre António Vieira a imagética animal tem grande importância (veja-se em especial os seus «Sermões aos peixes»), mas poderá notar-se a ausência da fauna e da flora brasileira que Padre António Vieira tão bem conhecia (e que refere nas suas cartas) para se ater à enumeração das espécies «tradicionais» (de que o «pagaio» e o «bogio» são, talvez, uma excepção):

«Fallando dos peyxes Aristoteles, diz, que só elles entre todos os animaes se nam domaõ, nem domesticaõ. Dos ani-

O passo ilustra ainda de forma exemplar o estilo enumerativo do barroco em que por um processo associativo se desenvolve um argumento, uma ideia ou uma definição. O jogo de palavras vem a tornar-se um dos processos mais conseguidos e eventualmente mais eficazes em relação ao auditório, dado o carácter mnemónico das sentenças que se querem comunicar:

«No casamento é preciso procurar almas (Gemü'ther) e não bens (Güiter), no casamento é preciso ver *Mores* e não *Muros*, no casamento é preciso olhar a virtude (Tugend) e não o colchão (Tuchet), no matrimónio é preciso ponderar bons gestos (Gebärden) e não bons nascimentos (Geburten), o que significa, pois, *nubat in Domino*, como diz S. Paulo, casai em nome de Deus...» (22).

Mas na pregação do barroco não pode faltar o jogo precioso, o rebuscado: ao desenvolver o tema da *Verdade*, que «Santo Agostinho acentua ser muito mais bela que Helena de Tróia» (23), dá imediatamente ensejo para descrever aquela «bela dama», realçando «as rosas da face vermelha, os narcisos da sua fronte alva de neve, os lírios das mãos, os jacintos dos olhos, o ouro dos cabelos louros, as pérolas dos dentes brancos, os corais dos lábios vermelhos, o alabastro do colo branco como neve, o rubim das faces rosadas, o carbúnculo dos olhos» (24). De resto esta lista parece não ter fim pois

maes terrestes o cao he taõ domestico, o cavallo Itaõ sogeito, o boy taõ serviçal, o bogio taõ amigo, ou taõ lisongeiro, & até os leoens, & os tygres com arte. & beneficios se amançaõ. Dos animaes do ar afora aquellas aves, que se criaõ, & vivem comnosco, o papagayo nos falla, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda, & nos recrea; & até as grandes aves de rapina encolhendo as unhas, reconhecem a maõ de quem recebem o sustento....»

(Padre António Vieira, «Sermam de S. Antonio». Prêgado na Cidade de S. Luis do Maranhão, anno de 1654, in *Sermoens* do P. Antonio Vieira, Segunda Parte, p. 315).

(22) *Idem, ibidem*, p. 176. (Claro se torna que em qualquer tradução se perde o jogo de palavras dado que o efeito estético é o resultado do valor homónimo e não do valor semântico das palavras).

(23) *Idem, ibidem*, p. 124.

(24) *Idem, ibidem*, p. 124. Citamos a modo de exemplo da linguagem poética do barroco alemão a primeira estrofe do soneto «Vergänglichkeit der Schönheit» (Transitoriedade da Beleza) de Christian Hofmann von Hofmannswaldau:

«A morte lívida com a sua mão fria haverá
Por fim e com o tempo de acariciar os teus seios

que o pregador como que se deixa arrastar pela combinação das imagens preciosas. Todavia, de forma abrupta, na dualidade típica do barroco, a desvalorização, a outra face da realidade descrita: a beleza de Helena, por mais perfeita, não pode comparar-se com a beleza irradiante da Verdade. Da exaltação passa-se agora à denúncia, à desvalorização e degradação do belo (25) para desta forma realçar os atributos de outra mulher, mas agora virtuosa, que dá pelo nome de Verdade. Mas ainda este momento de surpresa culmina na descrição da Verdade, maltratada pelos homens, vilipendiada desde Pilatos especialmente na corte e pelos homens públicos:

«Eu a procurei muito tempo, finalmente a encontrei, mas num estranho estado..., a boca de coral e em especial o lábio superior, estavam fortemente inchados; as faces tão cheias de feridas, rasgadas e mordidas que logo pensei que tivesse estado em luta com gatos ou folgado algum tempo entre silvas» (26).

O coral suave dos teus lábios haverá de empalidecer;
A neve quente dos ombros se fará areia fria....»

(Citado de Otto F. Best/H. Jürgen Schmitt (ed), *Barock*, Stuttgart, 1976, p. 71).

Referimos que Padre António Vieira rejeita o profano nos seus sermões e assim a recusa do jogo conceptual. Dirigindo-se ao *Leytor* escreve a modo de prefácio aos seus sermões:

«Se góstas da affecção, & pompa de palavras, & do estylo que chamaõ culto, não me leyas. Quando este estylo mais florescia, nacéraõ as primeyras verduras do meu (que perdoarás quando as encontrares) mas valeq-me tanto sempre a clareza, que só por que me entendiaõ, comecey a ser ouvido: & o começaráõ também a ser os que reconheceraõ o seu engano, & mal se encendiaõ a si mesmos».

(*Sermoens* do P. Antonio Vieira, Primeyra Parte, *Leytor* (s.p.)).

Ainda sobre o estilo simples do pregador como forma de manter atento o seu auditório veja-se o seguinte passo do «Sermam da Sexagesima» (1665):

«Será porventura o estylo, que se hoje usa nos púlpitos? Hum estylo taõ empeçado, hum estylo taõ difficultoso, hum estylo taõ affectado, hum estylo taõ encontrado a toda a arte, & a toda a natureza? Boa razaõ he também esta. O estylo ha de ser muyto fácil, & muy to natural».

(*Sermoens* do P. Antonio Vieira, Primeyra Parte, pp. 36-37).

(25) A «linguagem realista» do barroco é bem elucidativa no seguinte passo:

«...konnte demnach wol genennt werden die Himmel = =schöne *Helena*, und dannach unvergleichlich schöner ist die Wahrheit. Ja die *Helena* au|3 Griechenland mu|3 sich verkriechen vor ihr, ein Trampel, ein Miststinct, ein Kothkübel, ein Lueder=Sack, ein grober Rilpes, ein Flanck ist *Helena* gegen der schönen Wahrheit....»

(Abraham a Sancta Clara, ob. *cit.*, p. 124).

(26) Abraham a S. Clara, ob. *cit.*, p. 124.

Mas os jogos alegóricos do sermão culminam, todavia, com o sagrado, na evocação do exemplo supremo do Cristo crucificado:

«Sim, ele próprio se intitulou de Verdade, *Ego sum Veritas*. Por isso quis morrer nu e despido no alto da montanha *Calvariae* para mostrar que a verdade tem de ser despida e não encoberta, como acontece entre os adulares, como o foi Judas, esse supremo embusteiro, na corte de Pilatos» (27).

Para conclusão destas notas de leitura realço em especial o valor do sagrado e do profano (em que a troça e a ironia, o gosto pelo popular e pelo lendário se fundem) como aspectos complementares do mundo barroco na sua dualidade específica. A profunda religiosidade que por vezes atinge os laivos de misticismo de Abraham a Sancta Clara nunca leva o pregador a esquecer o terreno. Se não é possível construir a Cidade de Deus na Terra, que ao menos o homem se prepare para o Além. A História Sagrada e os exemplos dos homens bons são os caminhos a seguir, denunciando, por outro lado, do alto do púlpito os vícios que corroem os homens. A «profanação» do texto bíblico pela boca do orador parece ainda admissível, desde que assim resulte uma nova força argumentativa. Ainda nestas interpretações «abusivas» o sagrado e o profano se fundem, como no seguinte passo do *Génesis*:

«No primeiro dia Deus Todo o Poderoso criou a Luz, no segundo dia o Firmamento, no terceiro a Terra com todas as ervas e plantas, no quarto o Sol, a Lua e as Estrelas, no quinto dia o Senhor Deus criou da água os peixes e as aves. *Producant aquae*. Deus falou: As águas criarão os animais rastejantes que têm uma alma viva e as aves na terra sob o firmamento. Então a princípio as aves vieram da água? Sim, mas agora tudo se voltou do avesso, agora as aves mais ruins, sim, os passarões vêm do vinho, e sempre a embriaguez foi a mãe de todos os males» (28).

(27) *Idem, ibidem*, p. 144.

(28) *Idem, ibidem*, p. 184.

Também Padre António Vieira conhece a «irreverência» nos seus sermões, de que o exemplo mais significativo se poderá ler no «Serman pelo bom sucesso das Armas de Portugal contra as de Hollanda» (1640), proferido durante o período da Restauração, em que com grande fervor patriótico (e católico) acusa Deus de proteger os 'hereges' que ousam afirmar a superioridade da sua religião:

«Muita razão tenho eu logo, Déos meo, de esperar que haveis de sahir deste Sermaõ arrependido; pois sois o mesmo que ereis, & não menos amigo agora, que nos tempos

passados, de vosso nome... Se determináveis dar estas mesmas terras aos Piratas de Hollanda, porque lhas não destes em quanto eraõ agrestes, & incultas, senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida, & apostata, que nos mandastes primeiro cá por seus apozentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as Cidades, & depois de cultivadas, & enriquecidas, lhas entregardes? Assim se haõ de lograr os Hereges, & inimigos da Fé dos trabalhos Portuguezes, & dos suores Catholicos?»

(Padre António Vieira, «Sermam pelo bom successo das Armas de Portugal contra as de Hollanda». Na Igreja de N. S. da Ajuda da Cidade de Bahia. Anno de 1640, in *Sermoens* de P. Antonio Vieira, Terceira Parte, Lisboa na officina de Miguel Deslandes, M.DC.LXXXIII, pp. 475-481).